

A solidariedade se constitui em um dos mais fundamentais princípios da vida social. É um valor que se atribui aos outros e à comunidade que reúne os homens. "Este valor traduz-se em atos concretos como partilhar, ajudar, acompanhar, aceitar, integrar, cuidar e preocupar-se." (PERRNOUD, 2003, p. 23)

Marcus Vinicius Sandoval Paixão
Gleides Pulcheira Paixão
Pedro Brandão Simões
Marcelo Bozetti

Solidariedade no processo educativo

Solidarity in the educational process

MARCUS VINICIUS SANDOVAL PAIXÃO*
GLEIDES PULCHEIRA PAIXÃO**
PEDRO BRANDÃO SIMÕES***
MARCELO BOZETTI****

Resumo

Objetivou-se avaliar o processo de solidariedade entre alunos do IFES Santa Teresa de modo a detectar se os alunos reflexionam acerca de sua autoimagem e se são capazes de identificar as diversas formas de solidariedade existente entre as pessoas. A pesquisa partiu de um desenho não experimental, descritiva e exploratória, com abordagem quali-quantitativa. A amostra foi aleatória, sendo apresentada às turmas a proposta de investigação, deixando-se à vontade de cada aluno a participação. A investigação foi realizada com entrevista e análise através da elaboração de gráficos representativos dos dados coletados, em que observamos que a solidariedade deve ser um ponto fundamental e de equilíbrio na formação do aluno tanto no âmbito escolar como na sociedade de maneira geral.

Palavras chave: Escola. Compreensão. Educação.

Abstract

This study aimed to evaluate the process of solidarity among students of IFES, Santa Teresa, in order to detect whether students reflect about their self-images and are able to identify the various forms of solidarity among people. The research started from a non-experimental, descriptive and exploratory design with quali-quantitative approach. The sample was random, being presented to the class the research proposal, leaving it to the will of each student participation. The research was conducted with interviews, analysis and through the development of representative graphs of the data collected, where we observe that solidarity should be a key point and balance in the

* Doutor em Educação; Professor de metodologia da pesquisa do Instituto Federal do Espírito Santo, IFES, Campus Santa Teresa; Email: mvspaixao@gmail.com

** DSc. em Gestão Ambiental; Professora de educação ambiental do IFES, Campus Santa Teresa; Email: gleidespaixao@bol.com.br

*** Mestre em educação; Professor de educação física do IFES, Campus Santa Teresa; Email: brandaosimoes@hotmail.com

**** MSc. em administração; Professor de administração do IFES Campus Santa Teresa; Email: mabozetti@yahoo.com.br

student's education, both in schools and in society at large.

Keywords: School. Understanding. Education.

Introdução

A relevância da atuação humana pautada na solidariedade como forma de garantia da vida em coletividade no mundo moderno e meio de concretização da felicidade através de ações em prol dos menos favorecidos, possui uma carga ética de indiscutível valor, afeito aos campos da filosofia e da sociologia, as quais não podem ser estudadas sem o princípio da solidariedade, que dará resposta ao real alcance e às indagações que constituem um solo fértil para o princípio da igualdade.

A dúvida fica quando a violência e a agressão fazem parte de constantes desencontros que acompanha o ser humano ao longo de sua evolução social e cultural, perguntando qual o papel da solidariedade entre humanos?

Para responder a essa indagação, torna-se necessário adentrar um pouco mais na história de nossas origens no mundo animal, mundo do qual continuamos a tomar parte e cujos instintos continuamos preservar, a cooperação e a solidariedade.

Ser professor não constitui uma tarefa simples, ao contrário, é uma tarefa que requer amor e habilidade. O educador não é simplesmente aquele que transmite certo tipo de saber para seus alunos, ou como um repassador de conhecimentos. O papel do educador é bem mais amplo, ultrapassando esta mera transmissão de conhecimentos. No sistema escolar, o professor deve tornar seu saber pedagógico numa alavanca desencadeadora de mudanças, não somente ao nível de escola, que é importante, mas também em nível do sistema social, econômico e político.

O professor deve ser uma fonte de conhecimento no cotidiano de sala de aula, retirando dos elementos teóricos permitindo a compreensão e um direcionamento a uma ação consciente. Também deve procurar superar as deficiências encontradas e recuperar o real significado do seu papel como educador no sentido de apropriar-se de um fazer e de um saber fazer, adequando ao momento que vive a escola atual.

Ao observarmos jovens, com um grande número de problemas advindos de questões diversas em seu cotidiano, e, ao mesmo tempo em que vimos jovens com condutas exemplares, nos perguntamos o que poderia estar acontecendo por existir tamanhas diversidades. A solidariedade entre jovens estaria esquecida e a razão se sobrepondo à emoção?

As capacidades relacionadas à iniciação de pesquisa científica, como reunir informações a partir de interpretação, organizadas sistematicamente, distinguindo conceitos, noções, regras, conteúdos, expressividades, a falta de conhecimento de interpretação dos recursos disponíveis para elaboração de textos e contextos, função e organização do uso da linguagem para a formação e preservação cultural e estrutural das manifestações, de acordo com a criação e propagação de valores essenciais dos alunos e o

desconhecimento de estudo das formas instituídas de construção da cultura, podem aparecer como fatores que intervêm neste processo, ajudando na diagnose dos objetivos que norteiam a pesquisa.

A solidariedade se constitui em um dos mais fundamentais princípios da vida social. É um valor que se atribui aos outros e à comunidade que reúne os homens. “Este valor traduz-se em atos concretos como partilhar, ajudar, acompanhar, aceitar, integrar, cuidar e preocupar-se” (PERRNOUD, 2003, p. 23).

O objetivo desta pesquisa foi analisar o processo de solidariedade entre os alunos no IFES Campus Santa Teresa, especificando se os alunos do primeiro ano do ensino médio reflexionam acerca de sua autoimagem, e se identificam as diversas formas de solidariedade que podem existir entre as pessoas e problemas que afetam o bem comum.

Metodologia da pesquisa

Nesta pesquisa, o procedimento eleito foi um desenho não experimental, e do tipo descritiva e exploratória, com abordagem qualiquantitativa, modelo transversal, considerando aspectos bibliográficos.

Na pesquisa de campo, adotou-se como procedimento, o contato direto com o fenômeno de estudo, com procedimentos metodológicos estabelecidos, de forma a tornar a pesquisa o mais objetiva possível.

A investigação de campo ocorreu durante os meses de agosto a novembro de 2012, com os alunos selecionados para a pesquisa.

A população constou de 120 alunos do primeiro ano e a amostra foi composta de quarenta alunos, escolhidos aleatoriamente, sendo colocada nas turmas a proposta de investigação, e deixou-se à vontade de cada aluno a participação na pesquisa. Os alunos que optaram por responder à pesquisa foram entrevistados e os dados catalogados para a pesquisa em foco.

A partir da análise dos dados da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, adotou-se uma abordagem qualitativa e quantitativa, “por reunir uma série de técnicas interpretativas que procuram descrever, decodificar, traduzir e de alguma forma chegar a uma comprovação do problema da pesquisa” (PAIXAO, 2012, p. 13).

A coleta de dados foi feita através da catalogação dos dados através da quantificação dos dados coletados, a partir das respostas obtidas para cada item, de modo a garantir a precisão e a evitar distorções na análise e na interpretação dos dados que se configurarão como base fundamental para a elaboração dos resultados. O método utilizado para a seleção desses alunos foi o aleatório e o tipo de entrevista foi a estruturada. Foram entrevistados 02 (dois) alunos por dia e o tempo da duração das entrevistas para cada aluno foi de 20' (vinte minutos).

Pelas características metodológicas desta dissertação, não foram utilizadas análises estatísticas, privilegiando os métodos quantitativos de investigação exploratória. Por outro lado, também utilizamos alguns dados qualitativos extraídos da coleta de dados a partir da entrevista entre os alunos. Os dados foram tabulados quantitativamente e deram origem a gráficos representativos.

Análise e discussão dos resultados

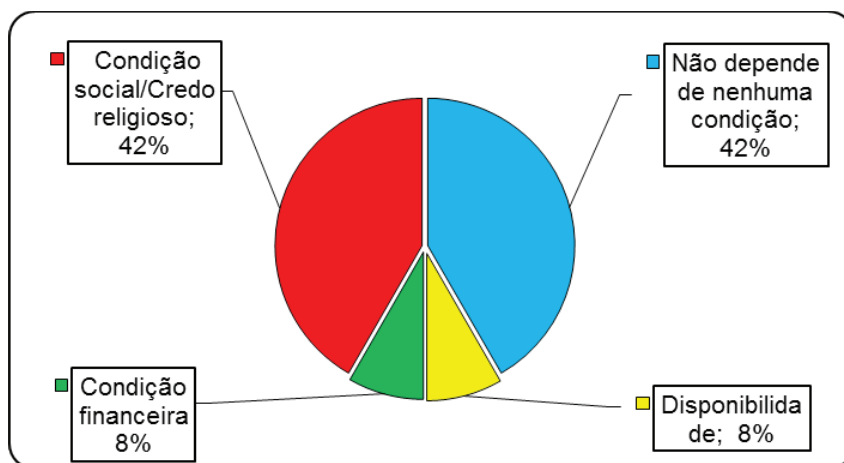
Quando se perguntou “Como você definiria solidariedade?”, podemos observar que os alunos entendem de forma homogênea o que seja solidariedade. 100 % dos alunos citam que solidariedade é ajudar sem interesse, sendo que ainda obtivemos uma resposta indicando carinho, uma generosidade e uma compaixão, o que podemos entender que, na opinião em geral dos entrevistados, a primeira definição é a que prevalece para a pergunta.

Segundo Beu (2011, p. 1), “solidariedade é ajudar o próximo sem esperar recompensas”. Embora o conceito seja simples e intrínseco à nossa existência, nem sempre é fácil abandonar o anseio por reconhecimento quando se trata de promover o amparo ao outro. Por definição, a palavra ‘solidariedade’ indica o compromisso estabelecido entre as pessoas para a cooperação mútua e são nas pequenas atitudes do dia-a-dia que temos a oportunidade efetiva de exercê-la, confirmando as respostas apresentadas pelos entrevistados. Vê-se que os entrevistados têm conhecimento ou mesmo entendem o conceito de solidariedade.

Perguntado sobre se você acha que, independente da nossa posição econômica ou social, podemos ser solidários?, obtivemos as seguintes respostas:

Quando indagamos se, para ser solidário, independe da posição econômica ou social, cinco entrevistados responderam que não depende de nenhuma condição. Uma respondeu que para tal deveria haver disponibilidade ou doação, uma respondeu que a condição financeira influenciaria na solidariedade e cinco dos entrevistados acrescentaram que, junto à condição social, deveria haver algum credo religioso (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Solidariedade em relação a posição econômica ou social



Fonte: Dados do autor

Quando se discute a questão da solidariedade, temos diversidades em larga escala sobre o exercer a solidariedade de forma completa, ao mesmo tempo em que a noção de solidariedade deixa de ser debatida, passa a ser mais comum o uso dos termos “inclusão” e “exclusão” e isto pode significar a utilização de novos conceitos ou de expressões análogas para definir o estar ou não integrado de que fala Durkheim (BIZELLI, 1999, p. 18).

Perguntamos se, nos dias atuais, existe espaço para que possamos ser solidário e obtivemos 100% das respostas, dizendo que existe. Porém, alguns questionam que, para esta existência, depende de nós mesmo achar este tempo. Outros citam que deveríamos achar tempo para tal e até mesmo a questão da necessidade física deste ato, citando também que muitos rejeitam a ajuda.

Se, na área da sociologia, busca-se debater sobre a solidariedade, no Serviço Social, o conceito parece guardar certo preconceito, tendo em vista a sua freqüente vinculação às ações espontâneas de diferentes grupos sociais e, ainda, como uma negação da responsabilidade do estado na condução das políticas sociais. (LOLIS, 1999, p. 1).

Draibe (1990, p. 19) busca fazer uma análise das políticas sociais, priorizando a área da assistência social, e verifica, através da literatura especializada, que existe um consenso de que “a política assistencial constitui a forma ancestral da política social”. Esta forma primária se caracterizava pelo caráter voluntário, pela caridade individual e de associações privadas, pela descontinuidade aos despossuídos de toda sorte. Observa-se que a questão social interfere na questão solidariedade e que em parte, somos obrigados a concordar com os entrevistados quando citam este quesito, principalmente quando querem dizer sobre a política social a ser adotada no estado.

Perguntado sobre como a solidariedade pode contribuir para o processo de inclusão social, obtivemos respostas incluindo os quesitos Amizade, Igualdade, Gentileza, Interação, Contribuição e Harmonia com igualdade de citações.

Em relação à política de Assistência Social, a aprovação da mesma enquanto direito constitucional possibilitou a sua inclusão enquanto seguro social e o delineamento de uma noção não estigmatizadora dos benefícios sociais para aqueles que não alcançam o mínimo necessário para sobreviver. Porém, na prática, ainda se exige comprovação de mérito, se focaliza os mais miseráveis entre os miseráveis e ainda não foram regulamentados pelo governo federal os benefícios eventuais. Os programas de enfrentamento à pobreza são muito residuais e se resumem, em sua maioria, à concessão de cestas básicas. O governo federal recria a prática da filantropia através do Programa “Comunidade Solidária”, “contribuindo para reforçar uma noção

de solidariedade diferente daquela que pretende a institucionalização dos direitos sociais e a efetivação da cidadania” (LOLIS, 1999, p. 9).

A solidariedade se manifesta, antes de mais nada, na distribuição dos bens e na remuneração do trabalho. Supõe também o esforço em favor de uma ordem social mais justa na qual as tensões possam ser mais bem resolvidas e os conflitos encontrem mais facilmente sua solução por consenso. Os problemas sócio econômicos só podem ser resolvidos com o auxílio de todas as formas de solidariedade: solidariedade dos pobres entre si, dos ricos e dos pobres, dos trabalhadores entre si, dos empregadores e dos empregados na empresa, solidariedade entre as nações e entre os povos. A virtude da solidariedade vai além dos bens materiais. “Difundindo os bens espirituais da fé, a Igreja favoreceu também o desenvolvimento dos bens temporais, aos quais muitas vezes abriu novos caminhos” (CONCÍLIO VATICANO, 2000, p. 514).

Ainda que os programas de solidariedade existentes são de anos anteriores, perpetua-se, por muitos anos, o desejo de se conseguir êxito pleno nos programas de solidariedade, que, nos dias atuais, ainda é considerado carente na maioria dos municípios do país, não sendo tratado com o devido valor que o tema merece.

O processo de inclusão social está diretamente relacionado com a solidariedade. Quando perguntado se a solidariedade pode contribuir para o processo de inclusão e como pode contribuir, foi unânime a resposta positiva, sendo que os quesitos amizade, interação, contribuição, gentileza, harmonia e igualdade, foram citados como maneiras de se fazer a inclusão através da solidariedade. Sung (2001, p. 74) “destaca que solidariedade precisa ser aprendida socialmente e incluída dentro das práticas da socialização humana”. Sendo a inclusão um processo que caminha paralelamente a solidariedade, então podemos aprender as boas maneiras a serem aplicadas ao próximo.

Akhra (2011, p. 1) cita:

Inclusão social é um tema que tem sido negligenciado pela ciência tradicional, que se caracteriza por apoiar-se no desenvolvimento de modelos precisos para os fenômenos estudados, sistemas de inclusão social envolvem processos de participação, mediação e interação nos quais cognição e aprendizado são situados em contextos socioculturais mais amplos e a noção de comunidade de aprendizado se torna central.

Quando perguntou-se as características observadas em uma pessoa solidária, obteve-se respostas variadas, mostrando que os entrevistados divergem sobre tais características. As respostas apontam sete características principais. Característica compreensão foi a mais citada, porém não difere significativamente das outras respostas, bom caráter, valorizar o próximo, atenção e carinho, discriminação, ser consciente e ajudar o próximo.

Em nosso entendimento, ser solidário não é ter pena do próximo, é tentar compreender e saber que basta apenas ouvir essa pessoa, ou até mesmo acompanhá-lo por uns instantes, compreender ou ser compreensiva é a característica mais destacada da pessoa solidária, acompanhada de outros atributos como atenção, cordialidade e não discriminar o próximo.

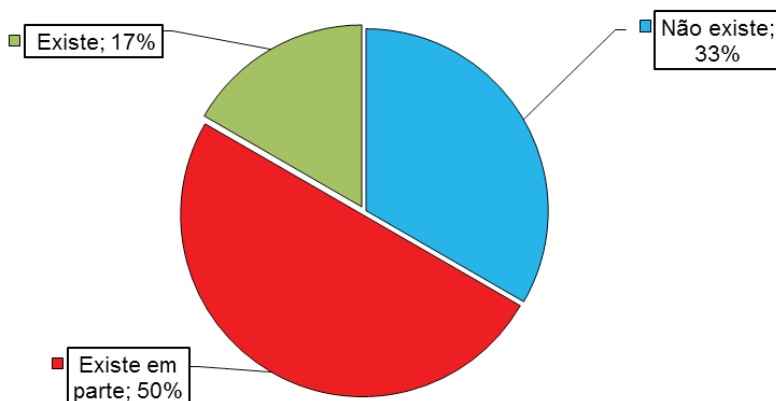
A disposição em querer ser solidário abrange muito mais do que ações momentâneas do dia a dia, conforme cita Tognetta e Assis (2006, p. 54), mas “às disposições do caráter que ampliam a moral porque superam apenas a condição de deveres e direitos e nos permitem constatar seu campo afetivo: as virtudes ou o que poderíamos apenas resumir como estar disposto”.

A disposição dos sujeitos para serem solidários está ligada a uma perspectiva de vivenciarem as experiências de respeito mútuo, de reciprocidade e da possibilidade de manifestarem seus sentimentos (TOGNETTA; ASSIS, 2006, p. 57).

O gráfico 2 mostra o que pensam os entrevistados em relação à solidariedade no IFES Campus Santa Teresa. Metade dos entrevistados (50%) considera que a solidariedade existe em parte, e, partindo de duas vertentes, observou-se que, em alguns casos, as pessoas são solidárias em ocasiões ou em fatos isolados, e, seguindo outra vertente, alguns citam que existe solidariedade por parte de algumas pessoas, sendo que outras não praticam este ato.

É visto que 33% dos entrevistados citam que não existe solidariedade na escola, e apenas 13% cita ser positiva a resposta, ficando 50% citando em parte.

Gráfico 2 - Qual sua observação em relação a solidariedade na nossa escola?



Fonte: Dados do autor.

Tolerância, respeito, justiça, coragem, amizade, são virtudes necessárias à experiência humana da convivência. Uma delas nos demanda “um caráter especial: o sair de si e contemplar o outro em sua condição, também humana, demanda um gesto de acolhida, de doar-se, estamos falando da solidariedade a ser executada nas escolas” (TOGNETTA; ASSIS, 2006, p. 56).

Sobre a recepção dispensada aos alunos na chegada a escola, quando de sua primeira apresentação, foi perguntado se os mesmos teriam sido bem recepcionados, considerando, para este quesito, a recepção por parte dos professores, administrativos e alunos. Os professores fizeram uma boa recepção (58,3%), não aparecendo a resposta mal recepcionado, fato idêntico ocorrido com os administrativos (59%) e com os próprios alunos (67%). Dado interessante e surpreendente termos um montante de 25% para uma má recepção por parte dos alunos e 8% de mais ou menos, na qual podemos atribuir, a esta resposta, ao prazer que existe entre os alunos mais antigos em fazer o famoso trote estudantil, que, por vezes, interfere no relacionamento entre estes.

Tognetta e Assis (2006, p. 58) citam que:

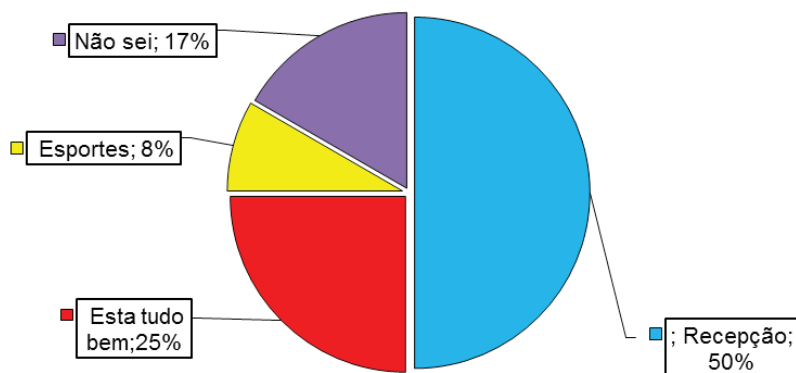
A relação professor e aluno é caracterizado pelas experiências de reciprocidade, de respeito mútuo, em que a autoridade divide com os alunos a possibilidade de formulação de regras e sanciona seus comportamentos de forma a fazê-los compreender o valor das normas estipuladas pelo grupo, é então distinguido como ambiente cooperativo.

Corroborando com este pensamento La Taille (1996, p. 63), acrescentando que “caso contrário, se as ações do adulto impuserem uma conduta pela humilhação, não há valor moral que se conserve. A representação de si, que a criança constrói pela humilhação, será sempre de caráter destrutivo”.

Ao educador, cabe a tarefa de considerar a ampla dimensão do psiquismo humano: se a moral depende da razão, as crianças devem encontrar na escola um ambiente que propicie desafios a sua inteligência, que lhes permita tomar decisões, fazer escolhas, resolver seus conflitos, o que requer participação efetiva na escola (MANTOVANI, 1996, p. 130).

O gráfico 3 apresenta os aspectos que os entrevistados consideram como de necessidade para melhoria do acolhimento dos alunos. Observa-se que a recepção na época da chegada ao primeiro ano do ensino médio é o quesito mais citado, com 50% das opções, sendo que 25% consideraram que estava tudo bem, 8% acham que com mais atividades esportivas poderia melhorar o período de adaptação, e 17% não sabem como poderia ser feito, reforçando o que foi visto em perguntas anteriores, quando os alunos esperam um maior acolhimento no período inicial de estudos no Campus, pois estes ainda não conhecem a escola.

Gráfico 3 - Em quais aspectos a nossa escola precisa dar mais atenção para que os nossos alunos sintam-se mais acolhidos?



Fonte: Dados do autor.

A adaptação pode ser entendida como o esforço que a criança realiza para ficar, e bem, no espaço coletivo, povoado de pessoas grandes e pequenas desconhecidas, onde as relações, regras e os limites são diferentes daqueles do espaço doméstico a que ela está acostumada. Há de fato um grande esforço por parte da criança que chega e que está conhecendo o ambiente da instituição, mas, ao contrário do que o termo sugere, não “depende exclusivamente dela adaptar-se ou não à nova situação, dependendo também da forma como é acolhida” (ORTIZ, 2010, p. 3).

O processo de adaptação inicia com o nascimento, nos acompanha no decorrer de toda a vida e ressurge a cada nova situação que vivenciamos. Sair de um espaço conhecido e seguro, dar um passo à frente, tendo como companhia o desconhecido para o qual precisamos olhar, perceber, sentir, avaliar, nos leva às mais diferentes reações: permanecer no espaço seguro e protegido, seguir adiante ou desistir e voltar atrás.

Entendemos que, ao acolher o aluno (seja ele criança ou adulto) ao chegar, nos primeiros momentos na escola, precisamos fazer com que se sintam protegidos, confortáveis e, acima de tudo, seguros. A forma como cada escola planeja o período de adaptação demonstra qual a concepção de educação, a adaptação é necessária, porém não precisa acontecer de forma passiva e o acolhimento é que garantirá a qualidade dessa adaptação.

Em relação a proposta de melhoria para a escola, tivemos diversas respostas ligadas ao convívio dos alunos no Campus. O relacionamento e a melhoria da praça de esportes aparecem liderando as indicações com 21% e 28,4% respectivamente, acompanhados dos quesitos vigilância (14,5%), alojamento (7,2%), refeitório (7,2%) e professores (7,2%), sendo que 14,5%

dos entrevistados consideraram que estava tudo bem no Campus.

Existem evidências que sugerem que os esforços de melhoria das condições oferecidas aos alunos resultam em melhoria dos seus resultados escolares. Segundo Marsh (1990, p. 14), “a melhoria da escola é o processo de otimizar o desempenho e resultado dos recursos (humanos, materiais educativos) em resultados positivos dos seus alunos”. O plano de melhoria da escola é um instrumento fundamental para potencializar o desempenho dos alunos e a qualidade dos seus resultados, considerando as melhorias de aprendizado, relacionamento e desenvolvimento cognitivo.

A boa convivência entre os estudantes aponta, como ponto básico para que possamos ter uma escola consciente de seus deveres, a recepção inicial. O apoio ao esporte e o tratamento residencial e alimentar em escolas de alunos internos passam a influir diretamente no desenvolvimento destes alunos de modo que a ascensão da solidariedade entre todas as pessoas que participam da comunidade escolar se torna como ponto de partida para toda escola que almeja a verdadeira educação.

Conclusão

A solidariedade é fator primordial para o bom andamento da comunidade escolar.

A educação que não privilegia esse valor faz com que o ensino/aprendizagem torne-se muito mais difícil, criando uma grande confusão no educando, não deixando que ele desenvolva todo seu potencial como aluno e também como cidadão cômico de suas responsabilidades.

Referências

AKHRAS, F. N. A inclusão social como um projeto científico: uma ontologia. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, Brasília, DF, v. 4, n. 2, p. 25-37, jan./jun. 2011.

BEU, C. Ser solidário. **Abilio Diniz**, 2011. Seção Qualidade de vida. Disponível em: <<http://abiodiniz.com.br/qualidade-de-vida/amor/ser-solidario/>> . Acesso em: 13 mar. 2012.

BIZELLI, E. **Inclusão: exclusão e solidariedade**. São Paulo: PUC, 1999.

DRAIBE, S. M. As políticas de combate à pobreza na América Latina. **São Paulo em Perspectiva**, v.1, n. 2, p. 18-24, abr./jun. 1990.

CONCÍLIO VATICANO. **Catecismo da igreja católica**, São Paulo: Loyola, 2000, 939p.

LA TAILLE, Y. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

LOLIS, D. **Solidariedade e política social**. São Paulo: PUC, 1999.

MANTOVANI, A. O. Inteligência, vida social e afetividade na teoria piagetiana. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DO PROEPRE: CONSTRUTIVISMO E EDUCAÇÃO, 12. **Anais...** Campinas: LPG, FE, 1996.

MARSH, J. C. Managing for total school improvement. In: CHAPMAN, J. (Ed.). **School-Based Decision-Making and Management**. Lewes: Falmer Press, p. 147-159, 1990.

ORTIZ, C. Entre adaptar-se e ser acolhido. **Revista Avisa Lá**, p. 6-7, 2010.

PAIXÃO, M. V. S. **As ações ambientais no município de Santa Teresa, estado do Espírito santo, Brasil**. Monografia (Especialização em Conservação de Espaços Naturais) – Universidade Miguel de Cervantes, Espanha, 2012.

PERRENOUD, P. As competências a serviço da solidariedade. **Revista Pedagógica**, Porto Alegre, v. 7, n. 25, p. 19-27, fev. 2003.

SUNG, J. M. **Solidariedade e a condição humana, em convergência**. São Paulo, n. 340, p. 89-108, 2001.

TOGNETTA, L. R. P.; ASSIS, O. Z. M. A construção da solidariedade na escola: as virtudes, a razão e a afetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 49-66, jan./abr. 2006.